

Lição 21: Das questões, respostas e disputas peculiares a cada ciência

“ a36. Se uma questão silogística — a42. apenas aquelas questões serão — b2. Dessas questões, as — b6. Há um limite, então — b8. se, então, na controvérsia

Após mostrar como as ciências demonstrativas funcionam em relação aos princípios comuns, o Filósofo agora mostra como elas empregam princípios próprios. E seu tratamento se divide em duas partes. Na primeira, ele mostra que em cada ciência há questões, respostas e disputas peculiares a cada uma. Na segunda, mostra como em cada ciência há enganos peculiares a cada uma (77b16) [L. 22]. Sobre a primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que em cada ciência há suas próprias questões. Segundo, que cada ciência emprega as respostas e disputas próprias a ela (77b6). Sobre a primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que em cada ciência há questões peculiares a cada uma. Segundo, quais são essas questões (77a42).

Ele mostra a primeira (77a36) da seguinte maneira: Uma questão silogística e uma proposição que toma um lado definido de uma contradição são as mesmas quanto ao conteúdo, mas não têm a mesma função. Pois a resposta que se dá à questão é feita para servir como proposição em algum silogismo. Mas em cada uma das ciências, as proposições a partir das quais um silogismo é formado são peculiares a ela, pois foi mostrado que toda ciência procede de coisas próprias a ela. Portanto, em cada ciência há questões peculiares a ela. Logo, não é qualquer questão aleatória que é pertinente à geometria ou à medicina ou a alguma das outras ciências.

No entanto, deve-se notar que o questionamento ocorre de um modo nas ciências demonstrativas e de outro modo na dialética. Pois na dialética não apenas a conclusão, mas também as premissas estão abertas à questão; mas nas ciências demonstrativas, o demonstrador toma as premissas como *per se* conhecidas ou provadas por tais princípios. Logo, ele pergunta apenas sobre a conclusão. E quando a demonstrou, ele a usa como proposição para demonstrar alguma outra conclusão.

Então (77a42) ele explica quais questões são peculiares a cada ciência. Primeiro, na medida em que são tomadas como proposições a partir das quais o demonstrador procede. Segundo, quando tomadas como conclusões (77b2).

Ele diz, portanto, primeiro (77a42) que questões geométricas são aquelas a partir das quais algo é demonstrado pertencente a matérias de geometria ou pertencente a matérias demonstradas a partir dos princípios da geometria — por exemplo, aquelas a partir das quais algo é demonstrado na ciência óptica, isto é, a perspectiva, que procede dos princípios da geometria. E o que é dito da geometria se aplica a outras ciências, a saber, que uma proposição ou questão é peculiar a uma ciência se é uma a partir da qual procede uma demonstração nessa ciência ou em uma ciência subalterna.

Então (77b2) ele analisa as questões geométricas na medida em que são conclusões, dizendo que as soluções para questões geométricas devem ser provadas demonstrando sua verdade a partir de princípios geométricos e de conclusões já demonstradas por esses princípios. (Pois às vezes as provas de certas demonstrações geométricas não são extraídas dos primeiros princípios da geometria, mas de matérias concluídas a partir desses primeiros princípios). Logo, quando se trata de questões que são sempre conclusões nas ciências demonstrativas, a prova pode ser obtida na própria ciência, mas a prova dos princípios não pode ser extraída da geometria enquanto geometria. O mesmo também se aplica a outras ciências. Pois nenhuma ciência prova seus próprios princípios, como explicamos acima. E ele diz “da geometria enquanto geometria”, porque pode acontecer que uma ciência prove seus próprios princípios, na medida em que essa ciência assume os princípios de outra ciência, como um geômetra prova seus próprios princípios na medida em que assume o papel de primeiro filósofo, isto é, de metafísico.

Em seguida (77b6), ele mostra que cada uma tem suas próprias respostas e discussões. Primeiro, que cada uma tem suas próprias respostas. Segundo, suas próprias discussões (77b8).

Diz, portanto (77b6), que a partir do exposto fica claro que cada conhecedor científico não faz qualquer pergunta ao acaso. Por isso, fica claro também que ele não responderá a qualquer pergunta aleatória, mas apenas àquelas que estão de acordo com sua própria ciência, com base no fato de que uma pergunta e sua resposta pertencem à mesma ciência.

Em seguida (77b8), como as discussões envolvem uma pergunta e sua resposta, ele mostra que há discussões próprias de cada ciência, dizendo que, se um geômetra discute com outro geômetra precisamente como geômetra, isto é, em assuntos pertinentes à geometria, então obviamente a discussão prossegue bem, desde que não apenas o tema da discussão seja um ponto de geometria, mas ela proceda a partir dos princípios da geometria. No entanto, não prossegue bem se a discussão em geometria não seguir essas linhas. Pois, se alguém discute com um geômetra sobre assuntos alheios à geometria, ele não argumenta, ou seja, não convence, exceto por acidente: por exemplo, se a discussão é sobre música, e o geômetra acidentalmente é também músico. Portanto, fica claro que não se deve discutir em geometria sobre assuntos não geométricos, porque não será possível julgar pelos princípios dessa ciência se a discussão foi favorável ou desfavorável: o mesmo vale para outras ciências.